

OS DESAFIOS DA TRADUÇÃO DE *MY WATCH*, DE MARK TWAIN

Turma de Tradução Literária¹

RESUMO

Este trabalho analisa elementos tradutórios a partir de recortes do conto *My Watch*, de Mark Twain, que auxiliaram quatro alunos da pós-graduação do curso Estudos da linguagem com Ênfase em Tradução, do Instituto Superior de Ciências Humanas e Sociais (ISAT), na reflexão sobre as dificuldades no processo tradutório quanto à equivalência de termos, questões lexicais e de estilo encontradas em seus exercícios de prática de tradução. Ao traduzirem o conto do original em inglês para o português do Brasil, perceberam, ao compararem as traduções, variações sintáticas e fraseológicas em diversas passagens por eles traduzidas. Apesar de se tratar de um texto literário, a busca por termos técnicos se fez necessária em alguns pontos por causa do personagem central do conto, um relógio do século XIX.

PALAVRAS-CHAVE: Mark Twain. tradução literária. relógio antigo. século XIX.

ABSTRACT

This work analyzes translation elements from parts of the short story *My Watch*, by Mark Twain, which helped four graduate students of the ISAT (Instituto Superior de Ciências Humanas e Sociais), who reflected upon difficulties in the translation process, related to the equivalence between terms, lexicon and style during their translation exercises. When the short story was translated from the original in English into Brazilian Portuguese, they realized that there were variations in several passages they translated, with regard to syntactic structures and phraseology. Although it is a literary text, it was necessary to search for technical terms because of the main character, an old watch of the 19th century.

KEY WORDS: Mark Twain. literary translation. old watch. 19th century.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho analisa as traduções do conto *My Watch* (1875), do escritor norte-americano Mark Twain (1835-1910), realizadas pelos alunos da turma da disciplina de Tradução Literária ministrada pelo Professor M.^º José Manuel da Silva no Instituto Superior de Ciências Humanas e Sociais Anísio Teixeira (ISAT), em São Gonçalo, RJ. *My Watch* (*Meu relógio*) é um conto cujo personagem principal é um relógio.

O trabalho aborda desafios encontrados no texto literário, pois se trata de um conto com alguns elementos de um texto técnico. A tradução literária é o gênero que dá mais liberdade ao tradutor, segundo Arrojo (2003). A linguagem poética (imagens, figuras de linguagem e fraseologia) do conto faz com que o tradutor reflita em mais profundidade, considere diferentes possibilidades e também utilize sua

¹ Este é um trabalho coletivo, elaborado pelos alunos da turma de Tradução Literária, do curso de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem com Ênfase em Tradução, do Instituto Superior Anísio Teixeira – ISAT, no primeiro semestre de 2017. Os nomes dos autores aparecem no Apêndice 1.
Orientação e revisão: Prof. M.^º José Manuel da Silva.

criatividade. Outro fator muito importante para uma boa tradução é ter bom conhecimento da língua de chegada e de partida.

No processo de tradução, as características do autor e dos personagens deverão ser respeitadas. A tradução técnica é uma parte especializada na tradução institucional (NEWMARK, 1988). É um texto que, em tese, não permite muitas variações linguísticas. A parte técnica presente no conto trata de peças de relógios antigos, exigindo muita pesquisa, pois esse tipo de relógio não é encontrado frequentemente hoje em dia. Desse modo, é preciso reconhecer que a falta de conhecimento linguístico dos termos técnicos presentes nesse conto fez com que surgisse dificuldade na compreensão do original e na execução da tradução do conto.

Os alunos procuraram, por fim, manter a estrutura, a mensagem principal do conto e do estilo do autor. Além disso, o papel do tradutor é pesquisar sobre o autor e o assunto, além de analisar a estrutura.

A tradução começa por um desmontar parte por parte para em seguida reuni-las em um grupo estrangeiro. O tradutor é um artesão que profissionalmente desmonta a estrutura original e a remonta em um terreno distinto. (FURLAN, 2006, p. 18).

2 OBJETIVO

Retratar as dificuldades encontradas no processo tradutório do conto *My Watch*. Ademais, cotejar e ponderar possíveis adequações e inadequações em relação a terminologia técnica, figuras de linguagem, estilo, questões semânticas e lexicais, evidenciando, assim, a complexidade da tradução literária.

3 METODOLOGIA

O presente estudo apresenta uma trajetória de investigações acerca das dificuldades da tradução literária. O trabalho está ancorado na pesquisa qualitativa, pois a maior preocupação é analisar o processo, relatar as dificuldades e mostrar algumas possibilidades. Não há interesse em comprovar hipóteses ou mostrar um resultado ao final. De acordo com Bogdan e Biklen (1994), na pesquisa qualitativa a maior preocupação é com o processo e não com o produto. O pesquisador tem

como interesse primordial estudar um problema e verificar como ele se mostra nas atividades e procedimentos. Não há interesse em comprovação de hipóteses.

Este trabalho apresenta algumas características importantes de uma pesquisa qualitativa:

Considera o ambiente como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento chave; possui caráter descritivo; o processo é o foco principal de abordagem e não o resultado ou o produto. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. Por fim, tem como preocupação maior a interpretação de fenômenos e a atribuição de resultados. (GODOY, 1995, p. 58).

Como se pode observar, a pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados; envolve a obtenção de dados descritivos sobre a situação estudada, procurando entender os fenômenos segundo a visão dos sujeitos, ou seja, dos participantes ou do objeto em estudo.

O presente estudo relata um trabalho feito por quatro alunos da Pós-Graduação em Estudos da Linguagem com Ênfase em Tradução no Instituto Superior de Ciências Humanas e Sociais Anísio Teixeira (ISAT), localizado em São Gonçalo, RJ, na disciplina de Tradução Literária ministrada pelo Prof. M.^o José Manuel da Silva. Primeiramente, foi pedida a tradução do conto *My Watch*; cada aluno realizou sua tradução. Logo depois, os alunos compararam seus trabalhos e relataram algumas dificuldades relacionadas à tradução do conto. Por fim, apresentaram o resultado da análise de tais dificuldades na X Semana Acadêmica – Letras e Tradução, Discurso & Diversidade, no próprio ISAT.

4 PROCEDIMENTO

4.1 Tradução Literária vs. Tradução Técnica

“Tradução” (ANTUNES, 1991) significa a ideia de fazer passar, de facilitar a passagem de uma língua para outra. Arrojo (2003, p. 12) defende que a tradução é “transportável”: o tradutor transporta os significados, mas não intervém no texto, não deverá “interpretá-la”. De acordo com Britto (1996, p. 4), a tradução sempre amplia e renova a língua de chegada, introduzindo nela no mínimo um léxico novo, mas também inovações formais, prosódias, até mesmo modificações sintáticas. As definições da tradução divergem de autor para autor. No entanto, cabe ao tradutor seguir um processo tradutório para realizar uma tradução.

Dentro dessas perspectivas dos teóricos da tradução, serão distinguidos dois tipos de tradução: literária e técnica. Segundo Britto (1996, p. 6), “a tradução de textos técnicos envolve questões muito específicas”; por exemplo, bulas e manuais terão a finalidade de instruir o leitor. Com isso, o tradutor deverá ter bom conhecimento de etimologia e morfologia. Segundo House (apud GONÇALVES, 1999, p. 42), a tradução literária deverá preservar a ordem do tema e rema dada pelo autor do texto original sempre que possível. O tradutor também é um autor (BRITTO, 1996); com isso, ele poderá utilizar expressões que a sua comunidade interpretativa utiliza e conduzirá o leitor para o campo linguístico do autor. Britto (1996) afirma que a tradução de poesia é a mais difícil de todas, pois nela é necessário que o tradutor seja criativo; o tradutor terá mais liberdade de traduzir um texto. Ele deverá mobilizar sons, ideias, imagens, tudo para que o texto esteja claro e que possua uma linguagem mais ampla.

Por fim, Manuel Bandeira defenderá um aspecto da tradução:

Toda tradução é impossível se pretende o transvasamento de uma expressão em outra, como o líquido de um recipiente a outro; não podemos reduzir o que já tem forma estética a outra forma estética. Toda tradução que merece o nome de boa é uma aproximação que tem valor de obra de arte, e que pode viver independentemente. (apud ANTUNES, 1991, p. 4).

4.2 Gênero Literário: Conto

O conto é uma obra de ficção, um texto ficcional curto. Geralmente, desenvolve-se em torno de um conflito e apresenta poucos personagens.

O conto indica que pode ser lido ou ouvido ‘numa sentada’, e isso transparece, mais ou menos, através de todos os contos. Reside nisso, pois, necessariamente, o reduzido do tamanho e a sua limitação, em comparação com a amplitude do romance. (KAYSER, 1968, Vol. II).

Os personagens podem ser classificados como protagonistas, principais atores da história; antagonistas, os que se opõem ao protagonista; e os secundários, os que têm menos importância na história. Segundo Brait (2004, p. 89), o personagem protagonista é “aquele que ganha o primeiro plano na narrativa”. Cardoso (2001), complementa tal definição, defendendo que o protagonista é:

Aquele em torno de quem os fatos se desenrolam, o que centraliza a ação; os outros personagens estarão de uma ou de outra forma em função dele, pensam nele e agem para e por causa dele. (CARDOSO, 2001, p. 42).

Gancho (2004, p. 15) afirma que antagonista é o personagem que se opõe ao protagonista, seja por sua ação, que o atrapalha, seja por suas características, que são opostas às do protagonista. Os personagens secundários ou coadjuvantes, de

acordo com Gancho (2004, p. 16), são os personagens menos importantes na história, ou seja, eles têm uma participação menos frequente na história.

Em relação ao tempo, conforme ressalta Gancho (2004, p. 13-21), podemos encontrar em um texto narrativo o tempo cronológico, marcado pelo relógio, e o psicológico, estruturado a partir da mente do narrador ou de um personagem como em um *flashback* onde se pode mesclar presente, passado e futuro.

De acordo com Poletto (2004), é possível encontrar em um conto o narrador-personagem, o narrador-observador e narrador-onisciente. O primeiro participa da história, e a história é narrada em primeira pessoa; o segundo narra somente o que pode ver em terceira pessoa; o terceiro narra em terceira pessoa também, mas tem acesso a tudo que ocorre na história, inclusive aos pensamentos dos personagens.

4.3 Vida e Obra de Mark Twain

Samuel Langhorne Clemens nasceu em 1830, no estado de Missouri, Estados Unidos. Mais conhecido pelo pseudônimo de *Mark Twain*, expressão utilizada por barqueiros para medir a profundidade de um rio, devido a sua experiência como timoneiro de barco a vapor, o escritor americano agregará aos seus textos literários muitos elementos e personagens criados a partir das suas experiências como jornalista, combatente na Guerra Civil americana e aventuras como piloto fluvial.

Dentre as várias obras de Mark Twain, destacam-se o primeiro conto que o apresentou ao público: *A Célebre Rã Saltadora no Condado de Calaveras* (*The Celebrated Jumping Frog of Calaveras County* – 1867); *Os Inocentes no Estrangeiro* (*The Innocents Abroad* – 1869), texto que relata viagens à Itália, à França e à Palestina; *As Aventuras de Tom Sawyer* (*The Adventures of Tom Sawyer* – 1876); e *As Aventuras de Huckleberry Finn* (*Adventures of Huckleberry Finn* – 1885), esta última considerada uma das grandes obras da literatura americana, escrita para ser uma espécie de continuidade de *As aventuras de Tom Sawyer*.

É de suma importância relatar que em 1894, após ir à falência, Twain perde a mulher e as três filhas. Essas tragédias influenciaram de forma melancólica os seus textos até o seu falecimento em 21 de abril de 1910, em Connecticut, Estados Unidos.

4.4 Resumo do conto *My Watch*

No conto *My watch (Meu relógio)*, de Mark Twain, o relógio é o personagem central. O narrador relata a sua saga em busca de um relojoeiro que consertasse o seu relógio, que funcionara sem problemas por 18 meses; o objeto, julgado como infalível em sua anatomia e juízo, começara a atrasar por causa de uma queda. Foram várias as tentativas, todas frustradas, para ajustá-lo, levando o narrador a desistir do relógio, seguindo um conselho do seu falecido tio: “um bom cavalo era um bom cavalo até fugir pela primeira vez, e [...] um bom relógio era um bom relógio até parar na mão de um relojoeiro pela primeira vez”.

Finalmente, a moral da história: se o primeiro relojoeiro não consegue consertar o relógio, desista antes de gastar dois mil dólares ou três mil dólares em um objeto que vale 200 dólares.

4.5 Análise

Segundo Arrojo (2003, p. 23), “o texto, como signo, deixa de ser a representação 'fiel' de um objeto estável que possa existir fora do labirinto infinito da linguagem e passa a ser uma máquina de significados em potencial”; portanto, o tradutor precisa ter domínio de ambas as línguas para fazer as adaptações e alterações necessárias devido às particularidades de cada idioma e questões culturais, porém sem ferir o sentido do texto original.

Previamente, objetivando construir uma interpretação coerente do conto e das intenções do autor, fez-se necessário explorar as condições de produção do conto original, como, por exemplo, o contexto histórico e cultural da obra; pesquisar sobre o autor; e encontrar fontes que fizessem referência a relógios antigos.

Sendo assim, traduzir envolve uma série de elementos que influenciam o produto final de forma positiva ou negativa. Por isso, é necessário levar em consideração dois conceitos: incorreção e inadequação. Ao realizar uma tradução incorreta, ou seja, quando a ideia do original é modificada, isso configura uma incorreção; já uma tradução inadequada acaba causando certo desconforto ao leitor. Exemplificando, uma inadequação acontece quando, em um texto religioso, por exemplo, o vocábulo *wife* é traduzido por “mulher”.

O caráter positivo dá-se ao fazer a equivalência, que, de acordo com Barbosa (2004, p. 67, 68), “consiste em substituir um segmento de texto da LO por

um outro segmento da LT que não o traduz literalmente, mas que lhe é funcionalmente equivalente”; e ao realizar melhorias, que, ainda conforme a autora (BARBOSA, 2004, p. 70), “consistem em não se repetirem na tradução os erros de fato ou outros tipos de erro cometidos na TLO”. Barbosa (2004) define LO como “língua original”, LT como “língua traduzida” e TLO como “texto na língua original”.

Diante das dificuldades encontradas ao longo do processo tradutório, destacam-se alguns trechos relevantes para explorar como todos estes fatores foram administrados nas traduções, considerando que:

Ao mesmo tempo que técnicas têm que ser dominadas, a criatividade do tradutor [...] é sem dúvida insubstituível para resolver os frequentes impasses que surgem durante o ato tradutório. (GONÇALVES, 1999, p. 42).

A análise a seguir será apresentada por meio de quadros com o texto original, a tradução considerada “oficial” (fornecida pelo professor) e as demais traduções dos alunos.

A partir da análise do título, podem-se perceber pequenas modificações que não influenciam o sentido original:

Quadro 1: Título do conto e traduções

1	Original	My Watch – An Instructive Little Tale by Mark Twain
2	Tradução Oficial	Meu Relógio – Um Conto Instrutivo por Mark Twain
3	Tradução Aluno 1	My Watch – Um Pequeno Conto Instrutivo por Mark Twain
4	Tradução Aluno 2	Meu Relógio – Um Continho Educativo de Mark Twain

Em todos os títulos apresentados no Quadro 1 (linhas 2, 3 e 4), tanto a forma quanto o sentido foram preservados. Evidencia-se que a capitalização em todas as iniciais das palavras foi priorizada, bem como no original.

Percebe-se que nas linhas 3 e 4 ocorrem casos de inadequação. Na linha 3, o termo *My watch* foi mantido, sendo que o mesmo aparece traduzido diversas vezes ao longo do conto; além disso, percebe-se o fato de o aluno tradutor na linha 4 ter compreendido *Little* como diminutivo de *Tale* (linha 1), e daí, “Continho”. sendo assim, o uso do vocábulo “Continho” é semanticamente adequado, porém talvez não muito usual neste contexto específico.

No Quadro 2 encontram-se exemplos de figuras de linguagem: metáfora e símile, cotejando o original com a tradução oficial.

Quadro 2: Figuras de Linguagem – Metáfora e Símile

	Original	Tradução Oficial
1	“And every time it went off it kicked back like a musket. ”	“E sempre que disparava o alarme, dava um solavanco, como o recuo de um mosquete. ”
2	“After being cleaned and oiled, and regulated, my watch slowed down to that degree that it ticked like a tolling bell. ”	“Depois de limpo e lubrificado, e regulado, meu relógio funcionava tão lentamente que parecia um sino de igreja. ”
3	“It did well now, except that always at ten minutes to ten the hands would shut together like a pair of scissors , and from that time forth they would travel together.”	“Agora estava funcionando bem, exceto pelo fato de que sempre quando faltavam dez minutos para as dez horas, os ponteiros se juntavam como se fossem uma tesoura e a partir deste momento andavam sempre juntos.”
4	“But no, all this human cabbage could see was that the watch was four minutes slow [...]”	“Mas não; tudo que aquele repolho humano conseguia perceber era que o relógio estava quatro minutos atrasado [...]”
5	“[...] everything inside would let go all of a sudden and begin to buzz like a bee [...]”	“[...] de repente suas entranhas pareciam se soltar e zumbir como uma abelha [...]”

Um elemento característico do gênero literário são as figuras de linguagem. Segundo Câmara Jr. (apud RIBEIRO, 2011, p. 367), são “aspectos que assume a linguagem para fim expressivo, afastando-se do valor lingüístico normalmente aceito”. Neste ponto, serão analisadas a metáfora e a símile como figuras de palavras.

Martins (2012, p. 121) afirma que Bally “vê a metáfora como uma comparação em que o espírito induzido pela associação de duas representações confunde num só termo a noção caracterizada e o objeto tomado como ponto de comparação”.

Na linha 4, *human cabbage* é uma metáfora; assim, abre possibilidades de sentido inerentes à imagem de *cabbage*, e que podem ser conectadas à imagem de *human*. Assim, a expressão *human cabbage* tem a intenção de questionar a capacidade do relojoeiro, associando-o a um vegetal, ou seja, algo não pensante. Na tradução oficial, a figura (*human cabbage*) foi traduzida literalmente por “repolho humano”; outra possibilidade que manteria a conotação ofensiva seria a partir do uso de vocábulos como “estúpido” e “idiota”.

Na metáfora ocorre o emprego de uma palavra fora do seu significado básico, devido a uma semelhança, e geralmente é feita sem elementos comparativos.

Newmark (apud GONÇALVES, 1999, p. 45) afirma que na tradução literária as metáforas originais, criadas pelo autor, devem ser preservadas, mesmo se estranhas, ou até especialmente se estranhas, pois deve haver o mesmo nível de naturalidade (ou não naturalidade) no texto de origem e no texto traduzido.

Le Guern (apud RIBEIRO, 2011, p. 368) afirma que na símile (comparação), “o comparante conserva o sentido próprio, sem transferência, que é a marca de

metáfora, cujo processo de abstração obriga ao corte de trações de significação do termo transferido”. A comparação dá-se pelo uso de conjunções ou expressões comparativas, como se pode observar em todos os exemplos, exceto a linha 4, por meio da conjunção *like*. As traduções preservaram o sentido literal, com apenas algumas alterações; em *like a musket* (linha 1) tem-se o acréscimo da palavra “recuo”, justamente para enfatizar o movimento comum ao relógio e ao mosquete. O mesmo ocorre em *like a tolling bell* (linha 2), onde o tradutor optou por traduzir *like* por “parecia” ao invés de manter a conjunção “como” (utilizada nas linhas 1, 3 e 5). Esta mudança não causou prejuízo semântico ao texto.

Em *like a pair of scissors* (linha 3) e *begin to buzz like a bee* (linha 5), a ideia do autor Mark Twain continua a mesma. Respectivamente, dar ênfase ao movimento descontrolado dos ponteiros do relógio, e ao fato de o relógio estar fazendo muito barulho.

Outra figura de linguagem presente no conto é a prosopopeia, cujos exemplos estão no Quadro 3:

Quadro 3: Figura de Linguagem – Prosopopeia

	Original	Tradução Oficial
1	“It was away into November enjoying the snow , while the October leaves were still turning.”	“Já estava em novembro admirando a neve , enquanto as folhas de outubro ainda mudavam de cor.”
2	“Within the week it sickened to a raging fever , and its pulse went up to a hundred and fifty in the shade.”	“Em uma semana, adoeceu com uma febre altíssima e seu pulso subiu para cento e cinquenta à sombra.”
3	“I grieved about it as if it were a recognized messenger and forerunner of calamity .”	“Sofri como se ele fosse o mensageiro e precursor de alguma calamidade .”
4	“At the end of two months it had left all the timepieces of the town far in the rear , and was a fraction over thirteen days ahead of the almanac.”	“Ao cabo de dois meses, o relógio deixara todos os seus colegas da cidade para trás e estava pouco mais de treze dias à frente do almanaque.”

A prosopopeia, uma figura de pensamento, consiste na atribuição de ações ou qualidades humanas a seres inanimados, irracionais.

Em todas as traduções apresentadas no Quadro 3, não houve mudança significativa de sentido, nem adaptações. Além de a essência ter sido preservada, a tradução literal está de fato em conformidade ao original, sem omissão nem acréscimo de termos.

Em *it had left all the timepieces of the town far in the rear* (linha 4), não ocorreu a omissão do pronome pessoal *it* na tradução; ao contrário, na tradução oficial evidenciou-se o referente (relógio) para realçar a personificação.

Na linha 1, a personificação se dá com a imagem do relógio aproveitando a neve; na linha 2, o relógio está com febre e possui pulsação; na linha 3, o relógio é um mensageiro de azar; e na linha 4, faz-se alusão a uma corrida. Sendo assim, em todas as linhas, são atribuídas ao relógio atitudes e características inerentes aos seres humanos.

Nos trechos apresentados no Quadro 4, pode-se observar a ênfase dada pelo autor Mark Twain a determinados termos:

Quadro 4: Ênfase

	Original	Tradução Oficial
1	"After this the watch AVERAGED well, but nothing more."	"Depois deste conserto, o relógio funcionava MAIS OU MENOS , nada além disso."
2	"[...] and the regulator MUST be pushed up a little."	"[...] o registro PRECISAVA de um pequeno ajuste."

Twain, a fim de chamar atenção para as informações que considerou importantes em sua mensagem, utilizou a caixa alta. É um recurso usado para conferir destaque ao que está sendo dito. Provavelmente, o realce em *AVERAGED* (linha 1) deu-se em função de enfatizar a condição atual do relógio, que, apesar de ter sido consertado, continuava a apresentar problemas em seu funcionamento. Já *MUST* (linha 2) expressa a conclusão a que o relojoeiro chegou sobre o que deveria ser feito para que o relógio voltasse a operar corretamente. Há outros recursos de formatação diferenciados que um escritor pode usar com a mesma finalidade, tais como negrito, itálico ou sublinhado.

No Quadro 5, apresentam-se alguns *phrasal verbs*, cotejando-se o original com a tradução oficial.

Quadro 5: Phrasal Verbs

	Original	Tradução Oficial
1	"But at last, one night, I let it run down ."	"Até que, uma noite, eu o deixei cair ."
2	"It hurried up house rent, bills payable, and such things, in such a ruinous way that I could not abide it."	" Adiantou o aluguel, as contas a pagar e todo o resto tão avassaladoramente que eu não suportava mais."
3	"[...] it had left behind caught up again."	"[...] que deixara para trás começavam a alcançá-lo ."

Phrasal verbs são verbos compostos por um verbo mais uma ou duas partículas que o complementam, podendo ser uma preposição ou advérbio; a construção existe apenas na língua inglesa. Ao se fazerem associações literais entre os elementos componentes de *run down* (linha 1), *hurried up* (linha 2) e *caught up* (linha 3), o sentido é alterado, ou seja, fica totalmente diferente do significado

individual dos elementos que compõem os *phrasal verbs*. Portanto, uma tradução palavra por palavra seria errônea, já que a compreensão de um *phrasal verb* também se dá pelo contexto.

Este é um item que configura uma das dificuldades ao longo do processo tradutório, tornando o processo mais complexo, pois é preciso adaptá-los muitas vezes por uma expressão, sem que haja grandes perdas de significado e mantendo o tom de informalidade que já é característico deste elemento linguístico. Logo, o tradutor precisa ter bom domínio da língua, tanto de chegada quanto de partida, de seus usos e regras, para encontrar mecanismos que permitam reproduzi-los no sistema da língua portuguesa de forma natural e eficiente.

Os trechos do Quadro 6 ilustram um dos principais desafios ao longo desta tradução: terminologia técnica e fraseologia. São estruturas que geralmente não permitem uma tradução literal; não basta ter apenas bom conhecimento de língua e gramática, daí sua complexidade. O desconhecimento dos mecanismos de funcionamento de relógios antigos (termos técnicos), aliado ao de algumas estruturas linguísticas específicas (fraseologias), pode resultar em inadequações ou incoerências. O tratamento adequado destes aspectos influencia diretamente a qualidade da tradução.

Os tradutores compreendem que os termos técnico-científicos, objetos centrais da disciplina terminológica, são componentes lingüísticos e cognitivos nucleares dos textos especializados; constituindo-se, conseqüentemente, em peças-chave de representação e de divulgação do saber científico e tecnológico. Daí a importância de identificá-los e traduzi-los adequadamente, embora os termos não sejam os únicos elementos que permitem que a comunicação profissional cumpra suas finalidades. (KRIEGER, 2006, p. 190).

Quadro 6: Termos técnicos

	Original	Tradução Oficial
1	“This person said that the crystal had got bent, and that the mainspring was not straight. He also remarked that part of the works needed halfsoling .”	“O profissional desta vez afirmou que o rubí estava torto, e que a mola principal não estava esticada. Ressaltou ainda que uma parte do mecanismo precisava de uma meia-sola .”
2	“He picked it all to pieces, and turned the ruin over and over under his glass , and then he said there appeared to be something the matter with the hairtrigger .”	“Ele desmontou o relógio completamente e ficou examinando os fragmentos com sua lente ; a seguir disse que aparentemente havia algo errado com o cabelo .”
3	“He said the kingbolt was broken.”	“Ele disse que o pino central estava quebrado.”
4	“[...] and then put a small dice box into his eye and peered into its machinery .”	“[...] a seguir colocou uma caixinha no olho e começou a inspecionar a máquina .”

No Quadro 6 aparecem alguns termos técnicos presentes no conto e suas respectivas traduções. Apesar das discussões em torno de equivalências de uma língua para outra, traduzibilidade e intraduzibilidade, é preciso uniformidade ao traduzir um termo técnico. Portanto, é essencial realizar uma pesquisa para saber se já existe uma tradução consagrada deste termo na língua de chegada e utilizá-la. Caso não haja, uma das possíveis soluções seria manter o termo na língua de partida e inserir uma nota de rodapé para maiores esclarecimentos ao leitor.

O Quadro 7 ilustra alguns fraseologismos e suas respectivas traduções.

Quadro 7: Fraseologia

	Original	Tradução Oficial
1	“She is four minutes slow – regulator wants pushing up. ”	“Está quatro minutos atrasado – o registro precisa de ajuste. ”
2	“He said it wanted cleaning and oiling , besides regulating. ”	“Disse que o relógio precisava de limpeza e lubrificação , além de uma regulagem. ”
3	“My beautiful new watch had run eighteen months without losing or gaining. ”	“Meu lindo relógio novo funcionara dezoito meses sem atrasar nem adiantar. ”
4	“I tried to stop him – tried to make him understand that the watch kept perfect time. ”	“Tentei interrompê-lo – tentei fazê-lo compreender que o relógio marcava a hora perfeitamente. ”
5	“For half a day it would go like the very mischief, and keep up such a barking and wheezing and whooping and sneezing and snorting , that I could not hear myself think for the disturbance [...]”	“Por doze horas ele era o próprio mal encarnado, latindo e zumbindo e gritando e fungando e roncando tanto que eu não conseguia ouvir meus próprios pensamentos em meio ao barulho [...]”

Fraseologismos ou fraseologias são expressões consagradas pelo uso por uma determinada comunidade linguística e ajustadas ao contexto discursivo. Tendo tomado uso na língua, assumiram certa estabilidade. As conceituações e denominações são variadas, dependendo da abordagem de cada autor.

Segundo Pastor (apud PONTES, 2011, p. 131), as fraseologias se definem por se tratarem de uma expressão formada por várias palavras, portanto denominadas unidades poliléxicas; caracterizam-se, ainda, por sua alta frequência de uso e de coaparição de seus elementos integrantes, por sua institucionalização, entendida em termos de fixação e especialização semântica, por sua idiomatidade e variação potenciais, assim como pelo grau em que se dão estes aspectos nos diferentes tipos.

Como exemplo, a fraseologia *a barking and wheezing and whooping and sneezing and snorting* (linha 5) confere maior expressividade ao trecho, ao unir diversos vocábulos que trazem um simbolismo sonoro, enfatizando mais uma vez que o relógio estava fazendo muito barulho.

O vocábulo *oiling* (linha 2) tem como equivalentes “azeitar” e “ungir, mas ao analisar a condição de ocorrência do mesmo, sabe-se que é possível apenas “lubrificar” um relógio, assim como não existe outra expressão consagrada para dizer que o relógio mostra a hora correta, além de *kept perfect time* (linha 4).

Ilustra-se no Quadro 8 a presença de uma estratégia de progressão textual chamada paralelismo.

Quadro 8: Paralelismo

1	Original	“Next day I stepped into the chief jeweler’s to set it by the exact time, and the head of the establishment took it out of my hand and proceeded to set it for me.”
2	Tradução Oficial	“No dia seguinte, adentrei uma joalheria para acertá-lo , e o dono da loja o tirou de minhas mãos para acertá-lo para mim.”
3	Tradução Aluno 1	“No dia seguinte eu entrei em uma relojoaria para ajustar o relógio na hora exata, o chefe da loja o pegou da minha mão e começou a ajustá-lo para mim.”

Ao estruturar uma mensagem, devemos observar o princípio do paralelismo sintático e, muitas das vezes, semântico, o que valoriza estilisticamente a frase. O autor fez uso da expressão *to set it* (linha 1) nas duas orações do período, preservando a uniformidade na construção do período e a correspondência de sentido. Neste caso, o ideal é que a tradução utilize forma verbal similar e paralela, o que pode ser observado nas linhas 2 (“acertá-lo”) e 3 (“ajustar” e “ajustá-lo”).

Gonçalves (1999, p. 44) postula que “num conto, onde a compressão é uma característica formal importante, a preservação do tamanho das frases é um aspecto que deve ser considerado”. Assim, observa-se também que não houve grandes alterações na pontuação, e que a ideia central permaneceu.

Em outro ponto do texto aparece uma figura de construção chamada polissíndeto.

Quadro 9: Polissíndeto

1	Original	“And he used to wonder what became of all the unsuccessful tinkers, and gunsmiths, and shoemakers, and engineers, and blacksmiths; but nobody could ever tell him.”
2	Tradução Oficial	“E costumava se perguntar o que acontecia com todos os malsucedidos funileiros, e armeiros, e sapateiros, e chefes de máquinas, e ferreiros; mas ninguém conseguiu dar-lhe uma resposta.”
3	Tradução Aluno 1	“E ele também se questionava quanto ao que aconteceria com todos os malsucedidos funileiros, armeiros, sapateiros, engenheiros e ferreiros; mas ele nunca soube a resposta.”

Um aspecto relevante é que Mark Twain menciona cinco profissões (*tinkers, gunsmiths, shoemakers, engineers, blacksmiths*) na fala do tio do narrador, e elas são mantidas em ambas as traduções.

Há uma escolha entre as possibilidades de expressão em uma língua, e isto é geralmente motivado em decorrência do que o autor quer de fato transmitir ao leitor. Ainda neste trecho, segundo Ribeiro (2011, p. 372), encontra-se uma figura de linguagem conhecida como polissíndeto, especificamente uma figura de sintaxe, ou seja, a estrutura normal da frase sofre variações. O polissíndeto consistiu na repetição enfática e sequencial da conjunção coordenativa *and*. Este recurso foi utilizado pelo autor para configurar e garantir originalidade à fala do tio. Sendo assim, a não manutenção do polissíndeto na linha 3 pode ser considerada uma inadequação, pois, além de descaracterizar o personagem, também compromete, em parte, a expressividade do texto.

5 CONCLUSÕES

Este trabalho apresentou o conto *My Watch* do autor Mark Twain em língua inglesa e em diferentes traduções feitas em língua portuguesa por alunos de Pós-graduação, observando os desafios ao longo do processo tradutório, e agrupando os trechos em quadros para fins de análise.

Para a tradução, foi realizada uma pesquisa prévia de alguns tópicos, tais como as características da tradução técnica e da tradução literária, o que mais tarde possibilitou entender que apesar de suas particularidades, ambas podem se relacionar; traços pertencentes ao conto; as condições de produção do conto *My Watch*; e aspectos relevantes sobre a vida e a obra do autor. Foi a partir disso que o grupo de alunos deu início ao processo tradutório, proporcionando uma visão mais ampla do que seria trabalhado.

Os alunos, basicamente, mantiveram a mensagem do texto original, fazendo apenas algumas alterações, adaptações e melhorias para que os leitores de língua portuguesa pudessem compreender o conto em sua totalidade.

Além disso, não houve mudanças bruscas quanto à forma e ao sentido. Estudos como este são fundamentais para entender como gerenciar determinados elementos que a princípio são tidos como “impasses” na tradução.

Apesar de ser um texto literário, ele envolveu questões mais peculiares, pois apresentou terminologia técnica sobre relógios antigos e fraseologias que requerem conhecimentos bem específicos; portanto, demandou uma vasta pesquisa acerca do assunto. Os alunos tiveram dificuldade para identificar esses termos, compreendê-los e até mesmo encontrar material de consulta seguro. Um mecanismo que pode ser de grande valia em traduções futuras é o uso de glossários, levando em conta a restrição de tempo.

O processo de revisão também foi importante para propor correções pertinentes e não comprometer a qualidade da tradução.

Em suma, é essencial estudar e praticar os processos tradutórios, pois só assim se pode alcançar uma tradução com o mínimo de incoerência possível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Benedito. Notas sobre a tradução literária. **Revista de Linguística**. São Paulo: Alfa, v. 35, p 1-10. 1991.
- ARROJO, Rosemary. **Oficina de Tradução: A teoria na prática**. São Paulo: Ática, 2003.
- BARBOSA, Heloísa Gonçalves. **Procedimentos Técnicos da Tradução**. Campinas, SP: Pontes, 2004.
- BIOGRAPHY. **Mark Twain**. Disponível em: <<http://www.biography.com/people/mark-twain-9512564>>. Acesso em: 7 maio 2017.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. Características da investigação qualitativa. In: **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994. p. 47-51.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 2004.
- BRITTO, Paulo Henriques. **Ofício de Tradutor**. Cadernos de Tradução do Núcleo de Tradução da UFSC, Santa Catarina, n. 2, 1996.
- CARDOSO, João Batista. **Teoria e Prática de leitura, apreensão e produção de texto: por um tempo de "PÁS"** (Programa de Avaliação Seriada). Brasília: Universidade de Brasília, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- FURLAN, M. (Org.). **Clássicos da teoria da tradução**. Volume 4. Renascimento. Florianópolis, SC: UFSC, 2006.
- GANCHÓ, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo, Ática, 2004.

GODOY, A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Revista de Administração de Empresas. São Paulo: v. 35, n. 2, p. 57-63, abril de 1995.

GONÇALVES, Lourdes B. **Avaliando a Tradução Literária**. Revista de Letras. Fortaleza, v. 21, nº 1/2, p. 42, jan/dez, 1999. Disponível em: <<http://www.revistadeletras.ufc.br/rl21Art06.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2012.

KAYSER, Wolfgang. **Análise e Interpretação da OBRA literária**. Trad. Paulo Quintela. Coimbra: Sucessor, Vol. II, 1968.

KRIEGER, Maria G. **Do Ensino da Terminologia para Tradutores: Diretrizes Básicas**. In: Cadernos de Tradução, Universidade de Santa Catarina, v. 1, nº 17, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6862/6413>>. Acesso em: 18 jun. 2017.

L&PM Editores. **Mark Twain**. Disponível em: <http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecaoID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=625152>. Acesso em: 7 maio 2017.

MACHADO, Antônio de Alcântara et alii. **De conto em conto**. São Paulo: Ática, 2003. Disponível em: <<http://www.conteudoseducar.com.br/conteudos/arquivos/4222.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

MARTINS, N. S. **Introdução à Estilística**. A expressividade da língua portuguesa. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

NEWMARK, Peter. **A textbook on Translation**. Prentice Hall, 1988.

PEREIRA, Maurício Gomes. A introdução de um artigo científico. In: **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 21, n. 4, p. 675-676, dez. 2012. Disponível em: <http://scielo.iec.pa.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742012000400017>. Acesso em: 17 jun. 2017.

POLETTTO, J. **O que é literatura**. Resumo de disciplina. Curitiba, 2004.

PONTES, Antônio L. Fraseologia em Dicionários Escolares Brasileiros. In: **Revista de Letras**. Fortaleza, v. 30, nº 1/4, 2010/2011. Disponível em: <http://www.revistadeletras.ufc.br/Revista%20de%20Letras%20Vol.30%20-%201.4%20%20jan.%202012%20.%20dez.%202011/rl30art14_fraseologia_em_dicionarios_escolares.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2017.

RIBEIRO, Manoel P. **Nova Gramática Aplicada da Língua Portuguesa: A construção dos sentidos**. Rio de Janeiro, 2011.

APÊNDICE 1

Aqui está o nome dos quatro alunos da disciplina de Tradução Literária ministrada pelo Professor M.^e José Manuel da Silva, da pós-graduação do curso Estudos da linguagem com Ênfase em Tradução do Instituto Superior de Ciências Humanas e Sociais Anísio Teixeira (ISAT), em São Gonçalo, RJ, que desenvolveram o presente trabalho:

Alan de Almeida Dalles
Beatriz Azeredo da Silva Lessa Nicolau
Julliane da Silva Salgueiro
Sheila Cristina Muniz Versiani

ANEXO 1

A seguir está o conto original completo *My Watch*, de Mark Twain, a partir do qual as traduções dos alunos foram realizadas.

My Watch – An Instructive Little Tale By Mark Twain

My beautiful new watch had run eighteen months without losing or gaining, and without breaking any part of its machinery or stopping. I had come to believe it infallible in its judgments about the time of day, and to consider its constitution and its anatomy imperishable. But at last, one night, I let it run down. I grieved about it as if it were a recognized messenger and forerunner of calamity. But by and by I cheered up, set the watch by guess, and commanded my bodings and superstitions to depart.

Next day I stepped into the chief jeweler's to set it by the exact time, and the head of the establishment took it out of my hand and proceeded to set it for me. Then he said, "She is four minutes slow – regulator wants pushing up." I tried to stop him – tried to make him understand that the watch kept perfect time. But no; all this human cabbage could see was that the watch was four minutes slow, and the regulator **MUST** be pushed up a little; and so, while I danced around him in anguish, and implored him to let the watch alone, he calmly and cruelly did the shameful deed.

My watch began to gain. It gained faster and faster day by day. Within the week it sickened to a raging fever, and its pulse went up to a hundred and fifty in the shade. At the end of two months it had left all the timepieces of the town far in the rear, and was a fraction over thirteen days ahead of the almanac. It was away into November enjoying the snow, while the October leaves were still turning. It hurried up house rent, bills payable, and such things, in such a ruinous way that I could not abide it. I took it to the watchmaker to be regulated. He asked me if I had ever had it repaired. I said no, it had never needed any repairing. He looked a look of vicious happiness and eagerly pried the watch open, and then put a small dice box into his eye and peered into its machinery. He said it wanted cleaning and oiling, besides regulating – come in a week.

After being cleaned and oiled, and regulated, my watch slowed down to that degree that it ticked like a tolling bell. I began to be left by trains, I failed all appointments, I got to missing my dinner; my watch strung out three days' grace to four and let me go to protest; I gradually drifted back into yesterday, then day before, then into last week, and by and by the comprehension came upon me that all solitary and alone I was lingering along in week before last, and the world was out of sight. I seemed to detect in myself a sort of sneaking fellow-feeling for the mummy in the museum, and desire to swap news with him. I went to a watch maker again. He took the watch all to pieces while I waited, and then said the barrel was "swelled." He said he could reduce it in three days.

After this the watch **AVERAGED** well, but nothing more. For half a day it would go like the very mischief, and keep up such a barking and wheezing and whooping and sneezing and snorting, that I could not hear myself think for the disturbance; and as long as it held out there was not a watch in the land that stood any chance against it. But the rest of the day it would keep on slowing down and fooling along until all the clocks it had left behind caught up again. So at last, at the end of twenty-four hours, it would trot up to the judges' stand all right and just in time. It would show a fair and square average, and no man could say it had done more or less than its duty. But a correct average is only a mild virtue in a watch, and I took this instrument to another watchmaker. He said the kingbolt was broken. I said I was glad it was nothing more serious. To tell the plain truth, I had no idea what the kingbolt was, but I did not choose to appear ignorant to a stranger.

He repaired the kingbolt, but what the watch gained in one way it lost in another. It would run awhile and then stop awhile, and then run awhile again, and so on, using its own discretion about the intervals. And every time it went off it kicked back like a musket. I padded my breast for a few days, but finally took the watch to another watchmaker. He picked it all to pieces, and turned the ruin over and over under his glass; and then he said there appeared to be something the matter with the hairtrigger. He fixed it, and gave it a fresh start. It did well now, except that always at ten minutes to ten the hands would shut together like a pair of scissors, and from that time forth they would travel together. The oldest man in the world could not make head or tail of the time of day by such a watch, and so I went again to have the thing repaired.

This person said that the crystal had got bent, and that the mainspring was not straight. He also remarked that part of the works needed halfsoling. He made these things all right, and then my timepiece performed unexceptionably, save that now and then, after working along quietly for nearly

eight hours, everything inside would let go all of a sudden and begin to buzz like a bee, and the hands would straightway begin to spin round and round so fast that their individuality was lost completely, and they simply seemed a delicate spider's web over the face of the watch. She would reel off the next twenty-four hours in six or seven minutes, and then stop with a bang.

I went with a heavy heart to one more watchmaker, and looked on while he took her to pieces. Then I prepared to cross-question him rigidly, for this thing was getting serious. The watch had cost two hundred dollars originally, and I seemed to have paid out two or three thousand for repairs. While I waited and looked on I presently recognized in this watchmaker an old acquaintance – a steamboat engineer of other days, and not a good engineer, either. He examined all the parts carefully, just as the other watchmakers had done, and then delivered his verdict with the same confidence of manner.

He said:

"She makes too much steam – you want to hang the monkey-wrench on the safety-valve!"

I brained him on the spot, and had him buried at my own expense.

My uncle William (now deceased, alas!) used to say that a good horse was a good horse until it had run away once, and that a good watch was a good watch until the repairers got a chance at it. And he used to wonder what became of all the unsuccessful tinkers, and gunsmiths, and shoemakers, and engineers, and blacksmiths; but nobody could ever tell him.

ANEXO 2

A seguir está a tradução considerada oficial do conto *My Watch*, de Mark Twain, enviada pelo Professor M.^e José Manuel da Silva, e que serviu de base de comparação para as traduções dos alunos.

Meu Relógio – Um Conto Instrutivo

Meu lindo relógio novo funcionara dezoito meses sem atrasar nem adiantar, sem quebrar qualquer peça de seu mecanismo e sem parar. Acostumara-me a considerá-lo infalível em seus juízos sobre a hora do dia e a encarar sua constituição e anatomia como indestrutíveis. Até que, uma noite, eu o deixei cair. Sofri como se ele fosse o mensageiro e precursor de alguma calamidade. Aos poucos me animei, acertei o relógio por intuição e afastei meus receios e superstições.

No dia seguinte, adentrei uma joalheria para acertá-lo, e o dono da loja o tirou de minhas mãos para acertá-lo para mim. A seguir ele disse: “Está quatro minutos atrasado – o registro precisa de ajuste”. Tentei interrompê-lo – tentei fazê-lo compreender que o relógio marcava a hora perfeitamente. Mas não; tudo que aquele repolho humano conseguia perceber era que o relógio estava quatro minutos atrasado e que o registro PRECISAVA de um pequeno ajuste; então, enquanto eu rodopiava em torno dele em agonia e implorava para que deixasse o relógio em paz, fria e cruelmente ele deu início ao ato vergonhoso.

Meu relógio começou a adiantar. Adiantava mais e mais todos os dias. Em uma semana, adoeceu com uma febre altíssima e seu pulso subiu para cento e cinquenta à sombra. Ao cabo de dois meses, o relógio deixara todos os seus colegas da cidade para trás e estava pouco mais de treze dias à frente do almanaque. Já estava em novembro admirando a neve, enquanto as folhas de outubro ainda mudavam de cor. Adiantou o aluguel, as contas a pagar e todo o resto tão avassaladoramente que eu não suportava mais. Levei-o ao relojoeiro para ser ajustado. Perguntou-me se já tinha sido consertado. Respondi que não, jamais precisara de conserto. Olhou-me com uma felicidade pervertida e avidamente abriu o relógio; a seguir colocou uma caixinha no olho e começou a inspecionar a máquina. Disse que o relógio precisava de limpeza e lubrificação, além de uma regulação – volte em uma semana.

Depois de limpo e lubrificado, e regulado, meu relógio funcionava tão lentamente que parecia um sino de igreja. Comecei a ser abandonado pelos trens, faltei a compromissos e esqueci até de jantar; meu relógio ainda resistiu três ou quatro dias sob meus protestos; aos poucos comecei a viver o ontem, o anteontem, depois a semana passada e gradualmente compreendi que, sozinho e abandonado, já vivia duas semanas atrás e não conseguia mais visualizar o mundo. Parecia notar em mim mesmo uma espécie de simpatia mórbida pelas múmias nos museus e o desejo de conversar com elas. Dirigi-me a outro relojoeiro. Desmontou todo o relógio enquanto eu esperava e disse que a caixa estava “inchada”. Disse ainda que poderia “desinchá-la” em três dias.

Depois deste conserto, o relógio funcionava MAIS OU MENOS, nada além disso. Por doze horas ele era o próprio mal encarnado, latindo e zumbindo e gritando e fungando e roncando, tanto que eu não conseguia ouvir meus próprios pensamentos em meio ao barulho; e enquanto ele existisse, não haveria outro relógio em todo o mundo que pudesse vencê-lo. No entanto, durante o resto do dia, começava a atrasar e se arrastar a tal ponto que todos os relógios que deixara para trás começavam a alcançá-lo. Por fim, decorridas vinte e quatro horas, cavalgava até os juízes da corrida e chegava a tempo. Apresentava uma média bastante satisfatória, e ninguém poderia dizer que fizera mais ou menos do que sua obrigação. Entretanto, uma média correta é somente um princípio de virtude em um relógio, e por isso levei meu aparato a outro relojoeiro. Ele disse que o pino central estava quebrado. Disse eu então que ficava satisfeito por não ser nada mais sério. Para dizer a verdade, eu não fazia a menor idéia do que fosse um pino central, mas decidi não parecer ignorante na frente de um estranho.

Ele trocou o pino central, mas o que o relógio ganhou por um lado, perdeu por outro. Funcionava um pouco, depois parava um pouco, depois funcionava um pouco mais, ele próprio decidindo os períodos. E sempre que disparava o alarme, dava um solavanco, como o recuo de um mosquete. Coloquei enchimento no peito durante alguns dias, mas finalmente decidi levar o relógio a mais um relojoeiro. Ele desmontou o relógio completamente e ficou examinando os fragmentos com sua lente; a seguir disse que aparentemente havia algo errado com o cabelo. Consertou-o e começamos do zero. Agora estava funcionando bem, exceto pelo fato de que sempre quando faltavam dez minutos para as dez horas, os ponteiros se juntavam como se fossem uma tesoura e a

partir deste momento andavam sempre juntos. O homem mais velho do mundo não poderia ter a menor noção da hora com tal relógio, e por isso, mais uma vez levei o relógio para o conserto.

O profissional desta vez afirmou que o rubi estava torto, e que a mola principal não estava esticada. Ressaltou ainda que uma parte do mecanismo precisava de uma meia-sola. Realizou os reparos e meu relógio começou a funcionar sem maiores problemas, exceto pelo fato de que, de vez em quando, após funcionar silenciosamente por quase oito horas, de repente suas entranhas pareciam se soltar e zumbir como uma abelha, e os ponteiros começavam a girar loucamente, tão rápido que perdiam totalmente sua individualidade, tornando-se uma delicada teia de aranha sobre o mostrador. As próximas vinte e quatro horas giravam em seis ou sete minutos e depois ele parava com uma explosão.

Foi com o coração pesado que me dirigi a mais um relojoeiro e fiquei assistindo enquanto ele desmontava o aparelho. Preparei-me para sabatiná-lo com rigor, pois a coisa estava ficando séria. O relógio me custara duzentos dólares, e aparentemente já pagara dois mil ou três mil em consertos. Enquanto esperava e observava, percebi que este relojoeiro era um antigo conhecido – chefe de máquinas de um barco a vapor que encontrara fazia tempo, nem tão bom por sinal. Examinou todas as peças cuidadosamente, como fizeram os relojoeiros anteriores, e emitiu seu veredito com a mesma confiança que os demais.

Disse o homem:

— Ele faz muita fumaça. É preciso pendurar a chave inglesa na válvula de segurança!

Matei-o ali mesmo e paguei as custas do enterro.

Meu tio William (já falecido!) costumava dizer que um bom cavalo era um bom cavalo até fugir pela primeira vez, e que um bom relógio era um bom relógio até parar na mão de um relojoeiro pela primeira vez. E costumava se perguntar o que acontecia com todos os malsucedidos funileiros, e armeiros, e sapateiros, e chefes de máquinas, e ferreiros; mas ninguém conseguiu dar-lhe uma resposta.